[Recensão a] Jürgen Untermann, Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien

Autor(es): Faria, António Marques de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45540>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_30_18

Accessed : 26-Apr-2023 00:37:01

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXX

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1991

Jürgen UNTERMANN, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien*. Wiesbaden, 1990, 2 vols., 339 + 661 p.

Dez anos após a edição da 2- parte dos *MLH*, dedicada às inscrições em caracteres ibéricos achadas no sul de França, eis que surge a 3- parte do monumental projecto do Professor Untermann, que tem por tema as inscrições ibéricas de Espanha.

As mil páginas distribuídas por dois volumes poderão servir para dar uma ideia não só do esforço desenvolvido pelo A. mas também do grau de importância de que se reveste a presente obra no âmbito dos estudos sobre as escritas ibéricas.

Depois de uma extensa lista bibliográfica a abrir o 1º volume (p. 17-71), segue-se um preâmbulo de carácter geral (p. 89-104), onde o A. explana o modo como se organiza a obra, facilitando assim a sua consulta e compreensão. Ainda no mesmo capítulo, são mencionadas as inscrições que, por diversas razões, não foram aqui incluídas, muitas delas por serem falsas ou de autenticidade duvidosa. Posteriormente (p. 111-131), brinda-nos o A. com um excelente resumo da história do povo ibérico, baseado em dados arqueológicos e linguísticos, dando particular ênfase às relações que com ele estabeleceram Fenícios e Gregos; tampouco foi esquecida a romanização, que teve um papel decisivo na aniquilação da civilização ibérica.

A parte mais teórica da obra é rematada por um pequeno estudo sobre os diversos materiais que serviram de suporte aos textos ibéricos (p. 126-131). A escrita (p. 132-149), a língua (p. 150-194) e a antroponímia (p. 195-238), assuntos a que voltaremos mais adiante, mereceram da parte do A. um tratamento mais circunstanciado.

A quarta parte é composta pelos índices de “palavras” (p. 263-324) e pelas concordâncias com os precedentes *corpora* de inscrições ibéricas (p. 325-337). A maneira como os índices estão elaborados é bem o reflexo da preocupação do A. em facilitar o manuseamento do volumoso catálogo: para as “palavras” em escrita levantina, foi elaborado um índice “normal” e um índice inverso, de extrema utilidade; o mesmo esquema é aplicado aos índices de “palavras” em caracteres meridionais, gregos e latinos. Além disso, as “palavras” em escrita levantina dispõem de mais dois índices, um de “palavras” cujo primeiro signo não é identificável, e outro para as que apresentam o respectivo início truncado.

O catálogo das inscrições ocupa as mais de seiscentas páginas do 2º volume, entre transcrições, comentários, fotografias e desenhos. Infelizmente, as fotografias nem sempre apresentam a qualidade desejável; veja-se, por exemplo, a reprodução fotográfica de C.1.8, com uma iluminação deficiente. Refira-se, a propósito, que o código alfanumérico, já utilizado nos *MLH* I e II, discrimina cada uma das inscrições, de acordo com a região onde foi encontrada, identificada por uma letra maiúscula; o respectivo local de achamento é assinalado pelo número subsequente, correspondendo o último número ao documento propriamente dito. Convém salientar que todos os locais de achamento são, antes da apresentação dos textos provenientes de cada um deles, objecto de resenhas histórico-arqueológicas, cuja extensão varia de acordo com a importância do sítio.

Num trabalho vastíssimo como este, não é difícil detectar uma ou outra afirmação susceptível de crítica e de discussão, sobretudo quando os temas a abordar se relacionam com a misteriosa língua ibérica. As notas que se seguem visam questionar apenas alguns aspectos relativos à gramática, à antroponímia e à leitura de várias inscrições em caracteres meridionais, abarcando apenas uma pequena parte das inúmeras questões que envolvem esta língua de origem desconhecida. Importará sublinhar que parte dos assuntos adiante tratados foram já objecto da nossa atenção em estudos elaborados antes de termos tomado conhecimento deste magnífico trabalho do Professor Untermann.

I. GRAMÁTICA

§ 510 e § 527 - **aiKa-aTiBur** (H.3.1) e **aKa-ilTirTeKer-ai** (G.16.1) constituem construções sintácticas comparáveis a **ulTiTeKeRaiKase.aRKiTiKer.aiKas** (F.6.1), sequência lexical que o A. incluiu na discussão dos morfos *-ai* e *-ka*. Para além dos casos apontados pelo A., aquele primeiro sufixo encontra-se também documentado após os NNP **aTaBeR** e **anwBeR** (F.9.7).

§ 512 - **aiBelor-aR** (G.16.1) constitui um exemplo da utilização de *-ar/-aR* que não foi arrolado pelo A.; nas legendas monetárias, encontramos o mesmo morfo em **ilTiRTa-R** (A. 18), **SaiTi-r** (A.35) e em **ilTuRi-R** (A.99).

§ 518 - **sorseiTeKeR** está por **sorseiTeR** (C.1.8).

KuTu-Bo-iKe (F.9.7,B-2) é uma segmentação tão plausível como **KuTu-Boi-Ke**. Vem a propósito referir que **ketuboike** (p. 391, linha 7) foi um dos poucos erros tipográficos que detectámos.

§ 521 - O morfo *-en* encontra-se também atestado em **aiTu(a)rKi-(e)n** (G.16.3, .4), sendo aqui claramente equivalente ao morfo *-art-aR*, na frase **KonilTir-aR BiTiaR** (G.16.5).

§ 525 - Aos exemplos da utilização do morfo *-is* indicados pelo A., poderemos acrescentar mais três: **eRTto-is** (F.7.2), **BaKaSKeTa-is-uReSTiniR** e **-BeKoRTto-is-aBe[...J** (B.7.34).

§ 527 - O A. isolou a seguir a **KuleSBuR** (B.7.35,1) o morfo *-ka*, onde, segundo Y. Sober *{Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean), "Revue Archéologique de Narbonnaise", 12,1979, p. 66}*, deve estar *-ke*. Contudo, mesmo que estivéssemos perante o morfo *-ka* posposto àquele NP, este sufixo não poderia, ao mesmo tempo, integrar o subsequente antroponimo **nisoR**, como quer o A. (§ 7.69-108). Pelo contrário, não há, a nosso ver, que isolar o presente morfema em B.7.34,17, porquanto devemos estar na presença de um NP, **aBelKiRTiKan**.

§ 529 — *ike{~}* está igualmente testemunhado nos seguintes contextos antroponímicos: **aiT(u)-iKe-(i)lTun** (G.15.1), **Kanan-iKe** (H.5.1), **orKe-iKe-laur**

(D. 12.1), TueiT (u) -iKe-ilTun (F. 12.1), *belakas-ik-aur (G. 1.1 ,B-5), *lekuSeki-k (G. 1.1,A-I,3) **BaKaSKeTa-ik-isKeRBoneS** (B.7.34). Em contrapartida, **TunTiKen**, termo referido por duas vezes em B. 1.373, deverá, talvez, ser um NP. Na 3- linha deste mesmo texto poderemos ler **KaReSoRieiKe.isTaR.TunTiKen**.

CASTLOSAIC (H.6.1) também pode ser segmentado da seguinte maneira:
CASTLOSA-IC.

§ 543 - Os exemplos aduzidos pelo A. não nos convencem da existência do morfo *-ste* como variante fonética de *-te*. A má qualidade da reprodução fotográfica não nos permite ler com segurança a expressão **eTenBilosStenTisTe** (F.17.1); admitindo, porém, a exactidão da leitura apresentada, a sequência gráfica **STe-** não parece gozar de qualquer autonomia semântica.

§ 536 - Julgamos mais prudente não utilizar os textos B.7.34-36 com vista a identificar um presumível morfo *n*, atendendo a que a pontuação neles existente nem sempre parece servir para dividir proposições ou distinguir palavras.

§ 548 - A segmentação VNININ-IT (H.6.1 e não H.6.2) poderá ser adoptada em detrimento da que apresenta o A..

Aos exemplos da utilização do sufixo *-te* após NNP, recolhidos neste parágrafo pelo A., há que acrescentar **aiTuleKu-Te** (F.13.10).

§ 558 - Relacionados com **aRiKaR** deverão estar as “palavras” (formas verbais?) **eriKan** e **ariKan**, registadas em G.7.2Ab, que sucedem, respectivamente, a **siKil** e a **BanKiS**, dois presumíveis antropónimos.

§ 562 - ***baites-uisebartaS** é mais um testemunho da utilização daquele primeiro termo, a acrescentar aos que foram recolhidos pelo A..

H. ANTROPONÍMIA

Passamos agora a comentar o capítulo referente à antroponímia. Não obstante as substanciais melhorias detectadas no presente repertório de NNP ibéricos em relação ao que foi publicado há alguns anos (Untermann, J., *Repertorio antroponimico ibérico*, “Archivo de Prehistoria Levantina”, 17,1987, p. 289-318), eremos que, na identificação de antropónimos de origem ibérica, o A. não foi tão longe quanto poderia. Assim, a lista que a seguir apresentamos inclui algumas dezenas de palavras que julgamos serem NNP ibéricos. Alguns deles fazem parte do repertório em questão, mas foram, quanto a nós, transcritos de modo menos correcto:

aBar (E.1.438), aBaR-Ke-BioTaR (C.0.2), aBaR-Ke-Bors (C.2.3), aBaR-ie-KiTe (F.13.4), aBaR-ie-i-KiTe (F.6.1), aBaRilTuR (A.27), aBarsKuBor (B.7.37), aBarTanBan (F. 13.13, 46), aBaSaKer (C.2.3), aBelKiRTiKan (B.7.34), aBoBaKer (C.2.3), *ait(u)ar (ML//I, p. 338), aiTuarKi (G.7.2), aiTu(a)rKi (G.16.3), aiTu(a)rKi (G.16.4), aiTuBas (A.33-14, -15), aiT(u)-iKe-(i)lTun (G.15.1), aiTuleKu (F.13.10), aiuniKarBir (G.14.1), aKeRiKoR (F.2.4), akiniR (F.9.7),

aKiTiKen (B.7.37), alaSBuR (B.7.34), anBoSiITun (F.20.1), anToR (F. 13.32), aReTaunin (F.13.1), *aStolbaS (Palomar Lapesa, M., *La onomástica personal pre-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, p. 43), aTaBeR (F.9.7), aTiBur (H.3.1), aunTiKi (A. 4), Ban-ie-KaRs (F.6.1), BanKiS (G.7.2), BanKiTe (E.4.2), BanSor (B.7.35), BanTiBa (F. 13.26), BaRBin (F.9.7), BaRBin (F.17.2), BaRBin (F.9.7), BaRBor (E. 1.312, .313), BaRKarBulTu (D.3.1), BarsuR (D.5.1), BaSBin (B.7.34), BasTesilTiR (F.13.24), BaSTiBilos (H.1.1), BeKor (G.15.1), BeKor (F. 13.3), bekor (G. 1.1), BeKoRTo (B.7.34), *belakas-ik-aur (G. 1.1), Belan (B. 1.33), Belar (F. 13.3), BeneBeTaner (F. 13.12), BeR-i-KaRs (F.6.1), BeR-i-KaRs (D.3.1), BerSiR (G.7.2), BerSTan (G.17.1), BiRlaBo (F.9.2), BilosleisTiKer (B.7.35), BinKiSaur (E.5.3), binsnes (Lacort Navarro, P. J. *et alii*, *Nuevas inscripciones latinas de Cordoba y su provincia*, "Faventia", 8/1, 1986, p. 73), BiTars (F.20.1), BiTeBaKiRS (F.9.5), BiuRbi (A.2), BoKaISor (B.7.34), BolsKo (C.4.1), BonKo (C.4.1), BoRBeliOR (C.2.3), Bors (C.2.3), BoToTaS (F.9.5, .6, .7), BoToTiKi (F.9.5), buistineR (G.1.1), Bur[i]ITir (G.7.2), eisBuR (B.7.34), *elanTorian (Albertos Firmat, M. L., *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 112), eRsKon (B.7.11, .12, .13), eRTin (B.7.35), eRTos (C.0.2), eTeiTOr (F.20.2), ilBiKon (C.2.8), iTiRKiS (B.7.35), iTiRSar (B.7.34), iTiRSar (B.7.35), iTursaiR (F.9.7), ilunTor (F.20.2), isKeRBoneS (B.7.34), isKeunir (G.17.1), KaResBan (F.13.5), KaResBoBiKiR (F.13.3), KaResir (F.13.3), KaResTar (F.9.7), KaRSuriTu (A. 100-3), KaSTiKer (C.1.6), Kasunin (F.13.1), KeBel (F.20.1), KeBelsilun[in] (F.9.8), KeBelsilunin (F.9.8), KeBelTeR (Velaza, J., *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*, Barcelona, 1991, p. 89, nº 330), KelseKiTe (E.4.2), KelTaRerKer (D.10.1), KelTiBeleS (F.20.2, .3), KiRSTo (C.21.1), KiTeiBors (F.20.1), KiTeTiKeR (G.7.2), KoBilos (H.1.1), KolBir (C.4.1), Koro-ie-Kers (F.20.1), *korokine (Albertos Firmat, M. L., *La onomástica...*, p. 99), laKeiTOr (E.4.6), laKeR-ei-arTuR(C.1.5), laKueRTer (E.4.5), *lauRbeleS (*HAE* 496), lauRBerTon (F.20.1, .2, .3), lauRBim (C.4.1), leisir (B.7.34), leKaR-Ke-loR (B.7.35), leKaRKo (F.13.3,7), leKaRSor(B.7.36), *IekuSeki (G.1.1), lereuTinir (B.7.34), *lukesin (Albertos Firmat, M. L., *La onomástica...*, p. 140), luKeSiR (G. 16.1), naBaRarBan (C.8.2), naBaRsosin (C. 1.6), neselT uKo (A. 100-8, -9), nisoR (B.7.35), nisoRBar (F.9.6), noroBoR (B.7.34), oloSoRTin (A.6.09), oRKe-iKe-laur (D.12.1),oRTinTuWBars(E.4.1),saKarna[... (F.9.2), SalBiTas (G.15.1), SalBiBi[... (F.9.2), SalKiTe (B.7.36), salTuKileR (C.2.3), SaniBar (B.7.36), seKiTeKer (G.16.1), selKe-ai-BarTon (F.9.7), selKe-ai-BarTun (F.9.5), selKisosinKas (F.20.1), siBaiTin (C.10.1), siKil (G.7.2), siRBaiser (Casariego, A. *et alii*, *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania Antigua*, Madrid, 1987, Lám. 39, nº 1), sors-ei-TeR (C.1.8), sosinBels (F.9.8), *suk(u)nin (*CIL* II 6249/3), TaKeRKiR (G.7.2), Talau-Ki-eteR (G.7.2), TeR-Ke-KineRTin (F.20.1), *tikino (Albertos Firmat, *La onomástica...*, p. 227), TileSKeTin (Velaza, J., *Léxico...*, p. 124, nº 518), ToreTin (F.20.3), ToRosair (F.9.3), TusKiTar (F.9.3), *uisebartaS (G.13.1), uKal-Ke-Bars (F.20.1), uReSTiniR (B.7.34), uReSunir (B.7.34), uRKeTiKeS (C.21.1), wiReSTiniR (B.7.36), wReSunir (B.7.36) e wuR[eS]uniR (B.7.36).

No parágrafo 611, o A. reúne uma série de NNP que parecem apresentar **o** como prefixo; entre eles poderemos talvez incluir **o-ToilTir** (F.21.1), **o-KoBilos** (H.1.1), **o-KaSTiKeR** (C.1.6,A-3), **o-leKaRko** (F.13.3,7) e **o-Talau-Ki-eTeR** (G.7.2,A b,l).

O trabalho de J. de Hoz intitulado *Crónica de lingüística y epigrafia prerromanas de la Península Ibérica:1979*, publicado no Voi. 30-31 da revista “Zephyrus”, inexplicavelmente ausente da bibliografia, é, em grande parte (p. 300-315), ocupado por uma excelente recensão crítica ao 1- volume dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, editado em 1975. Nele são propostas novas e pertinentes leituras para alguns NNP presentes em moedas de *Obulco*. Tais leituras não foram, no entanto, tidas em conta pelo A., que se limita agora a retomar o que escrevera naquele volume. Deste modo, encontramos no presente repertório antroponímico ibérico **SiTuBolai** (106-44) em lugar de **SiBiBolai** e **urKailTu** (140-62) em vez de **urKailBi**.

Bo(r)Beron e **OASAI** são outras transcrições que também não nos parecem correctas; deverão ser substituídas respectivamente por **KoBeroi** (G.7.2) e **OASALI** ou **OASAI** (H.3.4).

Tínhamos, até hoje, muitas dúvidas a respeito da integração na antroponímia ibérica de **aiBelor** (G.16.1), **aiBeron** (G.16.2), **KaniBeron** (G.7.2), **TERCINOI** (H.3.4), **Ka(a)nKinai** (A. 102-1, -2), **KoBeroi** (G.7.2), **Kolon** (A. 100-12), **SiBiBolai** (A. 100-2), **siKaa** (A.100-13), ***siKai** (*CIL* II 169), **TuiTuBolai** (A.100-4, -5), **TuiTuiBoren** (A.100-6, -7), **OASALI** (H.3.4), ***urKail** (*CIL* II 1087), **urKail** (A. 100-2) e **urKailBi** (A. 100-8, -9); conquanto estejamos dispostos a aceitar a maior parte das conexões que o A. agora estabeleceu entre estes NNP e outros assumidamente ibéricos, julgamos, ainda assim, ser possível problematizar algumas das analogias propostas:

1. Todos os NNP terminados em *-ai* identificam magistrados monetários das cecas A. 100 e A. 102, significativamente situadas no extremo ocidental do mundo ibérico. Convém esclarecer que, na nossa perspectiva, o sufixo *-ai* (§ 510) em **aTaBeRai** e em **anwBeRai** (F.9.7) não deve fazer parte destes dois NNP; chegámos a esta conclusão após a leitura da inscrição em que se integram. Corresponderá aquela terminação a uma variação dialectal ou estaremos perante NNP turdetanos?

2. ***siKai** (*CIL* II 169) não passa de uma reconstrução do A. a partir do genitivo de *Sica*, NP feminino inscrito numa esteira funerária achada na ermida de S. Pedro, Alter Pedroso, Alter do Chão (e não em Portoalegre (sic)) (Encarnação, J., *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 690, nº 631). Contra uma origem ibérica de *Sica* poderemos aduzir o patronímico *Maelo*, claramente lusitano, e ainda o local de achamento - termo de Palência - da outra inscrição que, a par desta, documenta o NP *Sica*.

3. Caso estejamos perante um nome ibérico, o segundo elemento de **urKailBi** encontra um paralelo em **ilBiKon**, NP documentado no *rython* de Ullastret (C.2.8,3). No entanto, há que ter em atenção os seguintes factores:

a) Nem o patronímico *Attita* nem a eventual unidade suprafamiliar *Chilasurgun*, os dois nomes que acompanham *Vrchail* em *CIL* II 1087, parecem ter algo de ibérico;

b) Se o mesmo *Vrchail* não estiver abreviado - e nada indica que o esteja -, é difícil defender para um nome ibérico uma terminação em /apó^ditongo/;

c) A aspiração, que encontramos em *Vrchail*, em *Chilasurgun* e noutros nomes possivelmente turdetanos como *Igalchis*, *Insghana* (Albertos, M. L., *Las aspiradas en las lenguas paleohispánicas: la F y la H*, “Veleia”, 2-3, 1985-1986, p. 142), *Vrhela* (*Hispania Epigraphica*, 2, 1990, n.º 336) e *Sisucurhil* (A. 103-4), aparenta ser uma característica alheia à onomástica genuinamente ibérica;

d) Os nomes mencionados nas alíneas anteriores não se encontram testemunhados na área ibérica propriamente dita, mas apenas do vale do Guadalquivir para oeste.

O A. relacionou o elemento nominal **KoRo/Koro** com **Kolon** (A. 100-12), segundo ele, um “Kurznam” (p. 227, nota 79); mais próximos deste último estão **Kolo-iTe-KaR** (F.14.1) e ***kolo[-]biur**, indubitável NP testemunhado no chumbo etrusco-grego de Pech Maho (Lejeune, M. *et alii*, *Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho* (Aude), “Revue Archéologique de Narbonnaise”, 21, 1988, p. 54).

A propósito do elemento **Kon**, integrante de vários NNP ibéricos, o A. recorda outros nomes que, com algumas reticências, ele considera tartéssicos: *Konoba* (Apiano, *Iber.* 291), *Conipp*. (A. 100-15) e *Conil* (A. 103-3). Se, quanto à grafia do primeiro, nada temos a objectar, *Conipp*. deve dar lugar a *Conipr.*, e *Conil*. a *Candnil*.

Falta ainda referir outro fenómeno que o A. não abordou no capítulo consagrado à antroponímia: trata-se da existência de nomes compostos por mais de dois elementos. Com vista a proceder à sua identificação, recorramos ao elenco acima apresentado:

aBarsKuBor (B.7.37), aBelKiRTiKan (B.7.34), aiuniKarBir (G.14.1), anBoSilTun (F.20.1), BaRKarBulTu (D.3.1), *belakas-ik-aur (G.11), BilosleisTiKer (B.7.35), *elanTorian (Albertos Firmat, M. L., *La onomástica...*, p. 112), KaResBoBiKiR (F.13.3), KaRsuriTu (A.100-3), KelTaRerKer (D.10.1), laKeR-ci-arTuR (C.1.5), neselTuKo (A.100-8, -9), selKisosinKas (F.20.1) e TeR-Ke-KineRTin (F.20.1).

Entre os NNP compostos por três elementos, repertoriados pelo A., podemos apontar **anTalsKar** (C.18.5), ***kurtarno** (TSall) e **TalsKuBilos** (B.1.29).

Notámos algumas incongruências na identificação de determinadas palavras como antropónimos; assim, e a título de exemplo, no índice de palavras em caracteres levantinos (p. 273) deparámos com **BolsKo** e **BonKo** (C.4.1) seguidos respectivamente por “PN” e “PN?”, mas não encontramos nenhum deles no repertório antropónimo.

Antes de nos debruçarmos sobre algumas inscrições em caracteres meridionais, apresentando interpretações alternativas, gostaríamos de abrir um parêntesis a propósito de uma legenda monetária que foi naturalmente objecto da atenção do A. nos *MLHI*: trata-se da legenda A.98. No trabalho já citado, o Professor Javier de Hoz, mostrou com sólidos argumentos que os signos componentes daquela inscrição deverão pertencer, na sua totalidade, ao sistema meridional, pondo em causa a sua leitura como **iITiRaKa**, adoptada pelo A. em 1975, e agora reproduzida sem qualquer discussão (§ 573). Recentemente, tentámos provar que **iITiKira** é a interpretação mais provável para aquele letrero. Talvez não seja coincidência a semelhança que tal legenda apresenta com *Huero* e mesmo com *Eliocroca* < **WTiKiroKa* (Tovar, A., *Iberische Landeskunde*, 2. 3, *Tarraconensis*, Baden-Baden, 1989, p. 164-165).

III. INSCRIÇÕES MERIDIONAIS

A numeração dos signos meridionais bem como os valores fonéticos a eles atribuídos remetem para o quadro reproduzido na fig. 1:

	—	a	b			—	a	b			—	a	b	
1	4	△	↗	a	11	↗	↘		m ?	21	↘	↙	↘	Ke
2	○	⊗	⊠	e	12	≡	≡		s	22	φ	φ		Ki
3	4			e	13	∩			S	23	↗	↘		Ki
4	4			i	14	∩			Ba	24	⊗	⊗	⊗	Ko
5	≡	≡		o	15	≡	≡	≡	Be	25	⊗			Ku
6	4	4		u	16	≡			Be	26	×	+		Ta
7	∩			l	17	↑			Bi	27	≡	∩		Te
8	9	9		r	18	⊗			Bo	28	◇	◇	⊕	Ti
9	✕			R	19	□			Bu	29	∩			To
10	4			n	20	△			Ka	30	△	△	△	Tu

FIG. 1. Signário meridional

F.9.2 ORLEYL (Vali d'Uxó, Castellón)

A interpretação que o A. nos apresenta diverge ligeiramente da nossa:

Face A

BiKirTiBaSKi.SalBiBi[...]a

Face B

[Tin.saKarna]
BirlaBo.iuSTiR.ia[

Sendo quase certo que **SalBiTas**, palavra documentada no chumbo de Llano de la Consolación (G. 15.1), constitui um NP, também **SalBiBi[...]** (A-l) o deverá ser; o mesmo poderemos dizer de **SalBiriaR**, constante do chumbo de El Amarej o (Bonete, Albacete) (Faria, A. M. de, *Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais*, "Portugalia", 11/12,1990/1991 ,p. 77,80,87). Seguimos o A. na leitura **BiKirTiBaSKi** (A-l), apenas porque a falta de paralelos seguros nos leva a rejeitar **BiKirTinSKi**.

Veja-se, todavia, o supracitado NP *Binsnes* (Lacort Navarro, P. J. *et alii*, *Nuevas inscripciones...*, “Faventia”, 8/1, 1986, p. 73).

As fissuras existentes no chumbo levaram o A. a 1er em B-1 algo mais do que o presumível NP ali escrito, hoje incompleto: **saKarna**]. Em relação ao NP que inicia B-2, a grafia do último signo não oferece grandes dúvidas quanto à leitura mais correcta: o nome é **BirlaBo** e não **BirlaKo**.

G.7.2 — LA BASTIDA DE LES ALCUSES (Mogente, Valencia)

Atentemos nas discrepâncias existentes entre a leitura do A. e a nossa:

Face A

a]SKiliR.uTuTa.BaSiR.TaraKar

]nKi

b oTalauKieTeR[4]].siKileriKan

KiTAKeRKiR[4]].sosiTiKeRKa[3]].nanBan[4]]

BanKiSariKan[3]].KiTaR[3]

urKeTiiKeRKa[4]].KiTeTiKeR [3]].JaKi

Face B

salTulaKoKiaKi [6]

BerSiRKaKi[8]arTaKerKaKi[6]KuleSTauTinKaKi[7]BerSiRKaao[3]Ki[1]

BiurTaKerKaKi[2]Bur[i]ITirKaKi[5]salTulaKoKiaKi[1]salTulaKoKiao[2]

KoBeroiKaKi[2]BerSiRKao[3]saKarBaSKaKi(Bi?)[4]BerSiRKaKiflO]aiTuarKiKiaKi[1]

KaniBeronKaKi[6]BhirUTirKaKi[2]seKelKaKi[6]BhiITaKerKaKi[5]aiTuarKiKiaKi[6]

Por não terem perdido oportunidade após a publicação do trabalho em análise, deixamos aqui registados, com algumas modificações, excertos dos comentários que sobre este importante documento apresentámos recentemente (Faria, A. M. de, *Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais*, “*Portugalia*”, 11/12, 1990/1991, p. 79-80):

Contrariando o que diz o A., cremos que **BerSiR**, reproduzido por quatro vezes na face B, é um NP; prova-o o contexto em que se insere. E o único dos NNP que ficou

por riscar, e logo por duas vezes. Revestindo este texto um carácter contabilístico, aquele facto parece demonstrar que **BerSiR** terá ficado com parte das suas contas por saldar.

A explicação mais provável para a utilização de *S22* (e *S22a*) e *S23*, ambos equivalentes a **Ki**, no presente chumbo reside no facto de haver a necessidade de distinguir entre o valor silábico (**Ki**) e o valor consonántico (**K**), sendo este último representado por *S23*. Além disso, tanto na face A como na face B, *S22* vai sempre seguido de consoante, precisamente o contrário do que sucede a *S23*, que precede invariavelmente signos vocálicos nas ocasiões em que não encerra uma frase ou um vocábulo isolado. A utilização de *S23* antes de *S3* na primeira palavra de A b seria, quanto a nós, razão suficiente para atribuir a este último um valor vocálico.

A julgar pelo que observamos na face B, *S20* não pode ser precedido por *S22* e *S24*; esta impossibilidade a nível gráfico não parece ser extensível ao domínio fonético, uma vez que a sílaba **Ka** sucede às também velares **Ki** e **Ko** mediante o recurso a *S23* (**K**) seguido de *Sl*.

G.14.1 CERRO DE LOS SANTOS (Albacete)

Parece-nos preferível ler **aiuniKarBir**, possível teónimo, se não se tratar do nome do dedicante.

G. 15.1 LLANO DE LA CONSOLACIÓN (Montealegre del Castillo, Albacete)

Afigura-se-nos mais correcta a seguinte leitura:

Face A

aiTiKelTunKi.iunSTiR.BeKor.SalBiTas.oTeroKeTa.BanoTaKian

Face B

isKeriaR

Mais uma vez se assiste à utilização de *S22* e de *S23* num mesmo texto. Se o facto de ambos precederem vogais não ajuda a explicar o seu emprego simultâneo, é possível que a necessidade de distinguir entre o valor consonántico e o valor silábico justifique o recurso a ambos os signos. Assim sendo, *S22* assumiria um valor alfabético análogo ao que parece possuir na palavra que encerra a inscrição de Torres (H.5.1).

G.16.1 — ABENGIBRE (Albacete)

Para as diversas inscrições gravadas nos pratos argênteos de Abengibre, são estas as leituras que propomos:

A aTaKaR

b KareKarTaseKiTeKer.luKeSiR.aKailTirTeKeRai.iar
BariaTuiaS

B ilTirTiKeRKi.eBaBilin.KoKaR

C BeTiaRinaR

D aiBeloraR.BeTiaR

G.16.3 ABENGIBRE (Albacete)

aiTurKinBeTiaR

Atendendo à inscrição seguinte (G.16.4), não vemos razão para lermos **Ka** após **BeTiar**; de resto, aquele presumível signo encontra-se desalinhado em relação ao restante texto.

Tal como em G. 16.4, devemos estar perante o NP **aiTu(a)rKi**, seguido do sufixo *-(e)n*, que aqui cumpre a mesma função desempenhada pelo morfo *-ar* em G.16.1D e em G.16.5.

G. 17.1 EL SALOBRAI (Albacete)

Parece-nos ser igualmente defensável a seguinte interpretação:

aBeTeuiao.isKeunir.enTun.BerSTanoKiTer.ueseBaTiTaR.BoiTaBaBoaR

H. 3.1 SANTISTEBAN-LA ALAMEDA (Jaén)

aiKaaTiBur : Bea I : Ba I : Be I : u I parece-nos ser a melhor leitura. Não se compreenderia que fossem utilizados signos levantinos em simultâneo com *S6a* para abreviar valores metrológicos; por uma questão de coerência interna, todos eles devem pertencer ao semi-silabário meridional.

H.5.1 TORRES (Jaén)

Cremos que a leitura correcta de H.5.1 é **KananiKe KiTiroKian**. **Kanan** deverá ser um NP meridional, estando **KitiroKian** relacionado com **BiTiroKan** e variantes (§ 566), possíveis flexões verbais. Ao invés do que sucede em Mogente (G.7.2), *S23* tem um conteúdo silábico, precedendo uma consoante, enquanto *S22* deverá possuir um valor alfabético, sendo seguido por uma vogal.

Com os comentários que aqui ficam registados, não pretendemos retirar à presente obra nenhum dos seus numerosos méritos; foi apenas nosso propósito dar uma outra perspectiva, também ela discutível, sobre alguns dos muitos assuntos que o Professor J. Untermann tratou com a erudição e a seriedade que transparecem dos seus trabalhos, e que vão certamente nortear a elaboração dos restantes volumes dos *MLH*, que coroarão um projecto empreendido pelo A. há quase três décadas.

Não é esta, de modo nenhum, uma obra acabada, nem o poderia ser; mas não é por isso que deixa de ser a maior arma alguma vez construída para combater a “esfinge ibérica”.

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA